

dos tempos modernos e o Deus da Antiguidade», «Deus em nós e acima de nós», «O Deus da Ideia e da história», «O Deus da alma e da comunidade». Os três textos estão assim titulados: «Imagem, Parábola, símbolo, mito, mistério, logos» (1956), «Belo, sagrado, cristão» (1957), «Tempo, espaço, eternidade» (1959). A preceder este conjunto e a preparar a sua leitura deparamos com a Introdução a esta edição em que o tradutor informa sobre a vida e obra de Prziwara e procede à sua caracterização como «pensador da analogia». Em anexo a esta, edita, em tradução sua, o escrito «Metafísica, Religião, Analogia».

O leitor que imerge na leitura de qualquer dos escritos patentes neste livro sente dificuldade em dela emergir para a suspender, a tal ponto se sente por eles encantado, instruído e entusiasmado. Obra de um verdadeiro pensador que repensa múltiplos temas e ângulos da grande questão de Deus. Temas e ângulos perspectivados, de modo mais directo, desde o próprio Deus (nas cinco conferências), e de modo mais indirecto e simbolicamente sugestivo desde o mundo. Neste segundo caso, Prziwara associa passivamente Deus com a beleza e a arte (nos dois primeiros textos) e com o espaço e o tempo (no terceiro). Espaço e tempo – inerentes por sua vez, respectivamente, às artes de superfície, à escultura e à arquitectura (o primeiro) e à música (o segundo) – são então explorados, especialmente a música, como «lugares teológicos» privilegiados onde se desdobram o sentido e a dinâmica da analogia e onde se pode ver anunciado o horizonte da Transcendência (no caso do espaço) e da Eternidade (no caso da música).

Não obstante tratar-se de textos pensados e escritos há várias décadas, eles podem ser de grande interesse e utilidade para o aprofundamento da problemática de Deus, tanto na sua abordagem no âm-

bito do estritamente filosófico como no da chamada Teologia Fundamental.

JORGE COUTINHO

FUSTER CAMP, Ignasi X., **Persona y libertad. La posibilidad de una antropología metafísica de la persona humana**, «Biblioteca Filosófica de Balmesiana» (serie I – vol. VI), Editorial Balmes, Barcelona, 2010, 315 p., 215 x 160, ISBN 978-84-210-0668-9.

Ignasi X. Fuster Camp é doutor em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Catalunha. Oferece ao leitor, neste livro, um ensaio de qualidade sobre a «*personalitas*» da pessoa. Em seu modo de ver, é «a liberdade [que] caracteriza a totalidade do ser da pessoa» (p. 18). Daí o título do livro. Mas a essência do ser pessoa só pode ser compreendida através da reflexão metafísica. Daí o mal-estar que se instalou em torno deste conceito desde que a metafísica foi dada como ultrapassada e morta. Na realidade, pensa este autor, no panorama actual da filosofia e da cultura, em que, ao mesmo tempo que o ser humano passou a ocupar o centro dos interesses e atenções, se vislumbra «uma certa nostalgia a respeito da metafísica» (p. 26), verdadeiramente «torna-se necessária uma antropologia metafísica e uma metafísica antropológica» (*ibid.*). É, no fundo, o que procura fazer neste ensaio, em que a tónica recai sobre a primeira.

Desenvolve a sua meditação e reflexão em três grandes capítulos. O primeiro – «A filosofia em face da pessoa humana» – é introdutório. Nele, sempre tendo em vista a questão da pessoa, aborda coisas como a noção filosófica de rosto, o nascimento do pensamento europeu moderno, os horrores do séc. XX contra a dignidade da pessoa, a relação entre antropologia e metafísica e sobretudo a possibilidade da

metafísica em geral e de uma antropologia metafísica em particular. O segundo capítulo é o mais vasto (pp. 45-234) e versa sobre o acesso metafísico à pessoa humana. Numa primeira parte, analisa o específico do homem, do seu corpo e da sua alma; numa segunda, passa em revista a história da procura da essência da pessoa: no mundo clássico, no mundo judaico, no mundo cristão, no pensamento medieval, no pensamento moderno, com o seu giro antropocêntrico, e a recuperação da *memoria personae* no pensamento do século XX; numa terceira parte, desenvolve a metafísica fundamental da pessoa humana, com aspectos e subtemas como a noção de pessoa em Boécio e em S. Tomás, e a partir da metafísica do ente criado; unidade substancial do corpo e alma, carácter pessoal do corpo, dignidade da pessoa; finalmente, numa quarta parte, detém-se sobre o acesso ao ser pessoal, com incidências sobre a simplicidade desse ser, o método próprio da arte, o ser pessoal como amor e a liberdade essencial desse mesmo ser. O terceiro capítulo é dedicado expressamente ao tema da liberdade, com uma breve incursão histórica; tece considerações sobre a aporia de implicar, ao mesmo tempo, a capacidade de fazer o bem e o dever de o cumprir; faz alusão à memória kierkegaardiana da liberdade e à solução netsheana; apresenta a concepção da liberdade como concepção amorosa; procura, enfim, uma resposta para a aporia da liberdade.

Sendo um ensaio, mais de sistematização de pensamento já produzido que de pensamento próprio, não deixa de apresentar aspectos de originalidade. E constitui, em todo o caso, uma boa síntese do pensamento filosófico sobre a pessoa humana.

JORGE COUINHO

Rus, Éric de, **La personne humaine en question. Pour une anthropologie de l'intériorité**, Cahier d'études steiniennes n° 3, Ad Solem / Les Éditions du Cerf / Éditions du Carmel, Paris, 2011, 134 p., 215 x 145, ISBN 978-2-204-09306-4.

Estamos perante um ensaio sobre a antropologia de (Santa) Edith Stein. No parecer do autor, trata-se do fio condutor de toda a obra desta filósofa judeo-alemã, que confere unidade e constitui uma chave hermenêutica privilegiada para a compreensão da sua obra vasta e plurifacetada. O que Edith Stein sempre procurou e que constitui o centro de gravidade do seu itinerário intelectual e espiritual, foi «a constituição da pessoa humana» e a realização do sentido do seu ser. Deste modo, estamos perante um pensamento que não pode deixar de interessar grandemente ao nosso tempo, pois já que procura resposta a todo aquele que, por usa vez, procura saber o essencial do que é o ser humano e do que é viver segundo o sentido fundamental do seu próprio ser.

Éric de Rus pensa também que uma tal linha de pensamento é inseparável de uma «diligência vital» («une *démarche vitale*»), dado que ela é, acima de tudo, uma via de unificação da pessoa humana a partir da sua *interioridade*. Daí o subtítulo atribuído.

O livro está estruturado em duas partes. Na primeira – com o título que lembra, à partida, a radicação de Edith Stein na fenomenologia de seu mestre Husserl: «Ser no mundo» – em cinco capítulos, Rus detém-se sucessivamente sobre a «conversão filosófica» da autora estudada, sobre a abertura da pessoa humana à transcendência e a orientação teocêntrica da obra steiniana, sobre a pessoa como ser de